

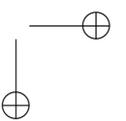
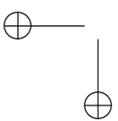
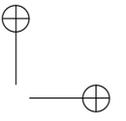
**ASPECTOS DA  
HERMENÊUTICA DO  
DINHEIRO EM GEORG  
SIMMEL**



Artur Morão

2011

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *Aspectos da hermenêutica do dinheiro em Georg Simmel*

Autor: Artur Morão

Colecção: Artigos LUSOSOFIA

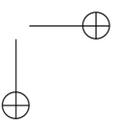
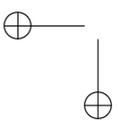
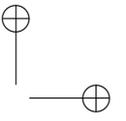
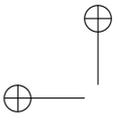
Direcção: José Rosa & Artur Morão

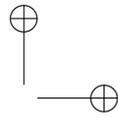
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011





# Aspectos da hermenêutica do dinheiro em Georg Simmel\*

Artur Morão

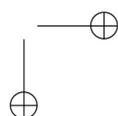
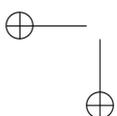
Se alguma coisa o dinheiro, com a sua função de troca, como valor e enquanto categoria económica, não suscita é indiferença ou apatia. Algo que sempre se soube ou sentiu, dada a ressonância e a multiplicidade dos efeitos e das reacções que tal invenção sempre desencadeou no seio dos grupos humanos e no íntimo dos indivíduos.

Logo no primeiro dos cantos satírico-morais dos *Carmina burana*, o seu autor anónimo<sup>1</sup> abre assim algumas das suas estrofes: *Manus ferens munera / pius facit impium* [mão que traz ofertas faz do piedoso ímpio]; *Nummus ubi loquitur, / fit iuris confusio* [onde o dinheiro arrazoza surge a barafunda do direito]; *Nummus ubi predicat, / labitur iustitia* [onde o dinheiro arenga, derrapa a justiça]; e no segundo canto outro vate medieval, igualmente desconhecido, refere-se deste modo à insaciabilidade atizada pela Mamona: *Plus*

---

\*Boa parte das reflexões aqui propostas serviu de apresentação e introdução ao pequeno volume Georg Simmel, *Psicologia do dinheiro e outros ensaios*, trad. Artur Morão, Texto & Grafia, Lisboa, 2010. Reúnem elas alguns matizes e filões do seu pensamento acerca de tão importante objecto.

<sup>1</sup> A linguagem cáustica dos seus versos aproxima o interessante poema do círculo de Walther de Chatillon (n. c. 1135), coevo do famoso e incógnito Arquipoeta, cujas dez canções giram também, em parte, em torno do dinheiro. Cf. *Carmina Burana. Die Lieder der Benediktbeurer Handschrift. Zweisprachige Ausgabe*, ed. crítica de B. Bischoff, A. Hilka e O. Schumann, Heidelberg 1930-1970; aqui cita-se a edição da DTV, Munique 1979, pp. 6, 8 e 863.



*queris, nec plenus eris, donec morieris* [mais queres, nunca estarás cheio, até morreres].

Poderia igualmente citar-se Shakespeare ou Karl Marx, que ao primeiro, e também a Goethe, vai buscar alguns motivos e acentos que desenvolve no terceiro dos famosos *Manuscritos económico-filosóficos*, chamando ao dinheiro “a prostituta universal, a universal alcoviteira dos homens e dos povos””, o “mediador” por excelência, o “bem supremo”, “o laço de todos os laços”, “o verdadeiro meio de separação e união”, “o poder de perversão e de inversão de todas as qualidades humanas e naturais”; mas também “o poder alienado da humanidade”<sup>2</sup>.

Trata-se, como se vê, sobretudo da vertente moral da questão, de que todos temos algum conhecimento experimental talvez pela prática ambivalente, por constatação lúcida ou até (quem sabe?) por ambas. Curiosamente, recorrendo a uma etimologia inesperada, também Tomás de Aquino se não esquece de realçar a densidade moral em que o dinheiro, a “moeda”, surge enleado: *Unde moneta dicitur, quia monet mentem, ne fraus inter homines, cum sit mensura debita, committatur; ut imago Caesaris sit in homine quasi imago divina, sicut Augustinus exponit pertractans dictam materiam* [Denomina-se, pois, moeda, porque admoesta a mente, para que se não cometa nenhuma fraude entre os homens, já que ela é a medida devida; para que a imagem de César seja no homem como que a imagem divina, conforme explica Agostinho ao falar desta matéria]<sup>3</sup>.

Outras dimensões relevantes há que, apesar de não ocorrerem a todos, não é bom pôr de lado. O filósofo italiano Vittorio Mathieu, por exemplo, mostra um empenho especial, embora não exclusivo, em relevar a índole ideal e “espiritual” do dinheiro. Dado que é

<sup>2</sup> Cf. Karl MARX, *Manuscritos económico-filosóficos*, trad. Artur Morão, Edições 70, Lisboa 1989, pp. 229-235.

<sup>3</sup> TOMÁS DE AQUINO, *De regimine principum ad regem Cyprum* II, 13.

um real ‘poder’ e, acima de tudo, um meio para outras coisas (influência, posse, prestígio, domínio sobre os outros, comunicação, expectativa do futuro, etc.), é de natureza mormente relacional<sup>4</sup>. A surpresa possível perante tal juízo talvez se não justifique, já que Aristóteles, ao referir-se ao dinheiro (*nómisma*), realça que o seu valor não deriva da natureza (*phýsei*), mas do uso e da convenção (*nómoi*),<sup>5</sup> pressupondo portanto a negociação, a certificação da origem, o exercício comunicacional, o crédito e a fiabilidade, tudo actos que se inscrevem na espiritualidade do trato humano, e não na materialidade.

Mas talvez o nosso único problema com o dinheiro seja, aparentemente, a falta que dele temos, a sua ausência que nos atormenta, o sonho da sua visitação sempre protelada, a esperança das suas promessas que raramente vemos cumpridas. E, muitas vezes, também a impressão, nem sempre vaga, da sua índole calculista e fria, do seu sistema tentacular, ditatorial e impiedoso, que nos cinge, nos sufoca ou estrangula em quase todas as situações da vida. Desperta assim, se por acaso nos distrairmos e arrancarmos da banalidade quotidiana e mergulharmos na reflexão, a suspeita ou o palpito da ingente complexidade que ele ostenta ou suscita, não apenas nos jogos obscuros da vida financeira, na rede encoberta da sua circulação em todos os meandros da existência social, no conluio, na conspiração e no cruzamento das economias paralelas, na trama inextricável das paixões que a todos inspira e em todos desacorrenta, mas também na percepção do carácter estrutural e indiscernível da sua natureza, das suas instituições, dos seus fluxos e refluxos no comércio, na indústria e na actividade económica, do seu devir histórico, das suas crises e dos seus pressupostos.

Não é, de facto, simples a entidade ou a essência do dinheiro. Afigura-se, antes, quase inacessível e impenetrável, qual monstro

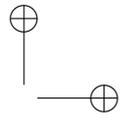
<sup>4</sup> Cf. Vittorio MATTHIEU, *Filosofia del denaro*, Roma, 1985.

<sup>5</sup> ARISTÓTELES, *Eth. Nic.* V, 5, 11.

de múltiplas cabeças, como a hidra de Lerna da mitologia clássica, realidade e enigma interpretativo que invade e agita todos os estratos da nossa vida. Mas pode, em parte, iluminar-se, é possível insinuar alguns traços do seu perfil. E um dos melhores guias e máximos intérpretes é, aqui, Georg Simmel, que lhe dedicou uma obra-prima de análise, *A filosofia do dinheiro* (1900, 1907), e uma série de ensaios igualmente fulgurantes. Além dos quatro agora apresentados em língua portuguesa, citem-se ainda os seguintes: *O significado do dinheiro para o ritmo da vida* (1897), *O papel do dinheiro nas relações entre os sexos* (1898), *Fragmento de uma “filosofia do dinheiro”* (1898, 1899), *Dinheiro e alimentação* (1915).

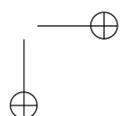
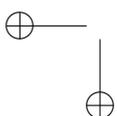
O grande sociólogo e filósofo não encara o fenómeno monetário como algo de isolado, mas como um todo, como um novelo multiforme em perene movência e transformação, como construção dinâmica de múltiplos graus, em que se espelham e não deixam de ressoar também os grandes projectos humanos e que se encaixam no nebuloso e ambíguo horizonte da história universal. Nada mais avesso, portanto, ao seu olhar do que a identidade laminada do *homo oeconomicus*, espectral, esquemático ou esquelético, pretensamente apartado do turbilhão e do drama vital da humanidade – e tão sedutor para a ingenuidade epistemológica ou para a indigência antropológica dos cultores de uma visão puramente economicista ou financeira.

Se bem atendermos às sugestões e aos cambiantes do discurso simmeliano, que se acerca do dinheiro enquanto processo, pólo e ponto de intersecção de eventos e valores marcados pela complexidade, pela retroacção sistémica, pelas moções contraditórias da nossa história, individual e colectiva, veremos que ele desdobra a seu respeito uma espécie de hermenêutica de níveis, enganchados uns nos outros e com ecos dissemelhantes na noção e na consciência que deles temos ou adquirimos.



1. Antes de mais, examina a inserção do dinheiro num *eixo antropológico*. O homem, animal esquisito e anómalo, devassado e percorrido no seu íntimo por movimentos antagónicos de união e comunhão com os seus congéneres, de identidade e diferença, de isolamento e de fusão com os mesmos – animal do presente, da luta quotidiana pela subsistência, mas instigado pelo futuro, “ser indirecto”, propõe-se fins, inventa meios para os conseguir, aprende o adiamento da sua obtenção e a arte de diferir a satisfação dos seus desejos, mergulha na perscrutação do enredo de causas que envolvem e determinam não só o curso da natureza, de que continuamente depende, com a qual vive um romance de paz e guerra, mas também o remoinho imponderável dos laços que, para o bem e para o mal, o atam aos outros; estabelece relações e graduações de meios e fins, perde-se na estimativa da sua valência respectiva e, com frequência, esquece a meta final e eleva os meios a fins. Neste trajecto inseguro, descobre o poder, não só político, da influência e do prestígio, mas também o de certos meios elevados a absolutos. Um deles, se não o principal, é o dinheiro.

2. Aborda-o, depois, num *eixo histórico*, como criação e invenção cultural, desde a Antiguidade clássica, nos seus condicionamentos e nos efeitos que gerou e incessantemente engendra de forma imprevista; por exemplo, na transição da economia natural para a economia monetária, e sobretudo na sua presença avassaladora a partir da era moderna. Esta, de facto, caracteriza-se pela importância cada vez maior, pelo significado sempre mais vincado do dinheiro e da grande cidade, que em conjunto catalisaram inesperadas mutações revolucionárias: a dissolução da ordem feudal e das suas pertenças sociais olhadas quase como destino e não como fruto da evolução histórica ou de decisões humanas; a tensão labiríntica entre o incremento da individualização, a maior possibilidade de escolha pessoal, as relações sociais livres da dependência



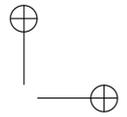
de personalidades específicas e o aumento da impessoalidade, favorecido sobretudo pelo meio monetário de troca universalmente reconhecido. Mas, de modo inevitável, inspiraram ainda o nivelamento de todas as coisas e o alisamento de todos os valores, que, não obstante o aumento da liberdade e da valorização da pessoa, descambaram para a indiferenciação ontológica, para a neutralidade axiológica, para a pura objectivação descomprometida dos laços humanos e do intercâmbio com a natureza.

Diz Simmel no ensaio *Dinheiro e alimentação*, escrito no início da Primeira guerra mundial:

“Desde que, com o final da chamada Idade Média, recuou a economia natural, na qual, em grandíssima parte, se produzia para a necessidade pessoal, se pagavam préstimos com a doação ou o usufruto do solo e da terra, em que se requisitavam prestações de serviço com produtos naturais e os direitos se referiam essencialmente a fornecimentos naturais – o dinheiro intrometeu-se, cada vez mais, em cada ocorrência económica, como mediação e substituto; graças a esta função, adquiriu ainda uma importância que, paulatinamente, absorveu o imediato efeito das coisas e suscitou a situação que todos conhecemos: que, para a maioria dos homens da actualidade, tudo o que de algum modo é comprável tem tanto valor como aquilo que custa<sup>6</sup>.”

Sobressai em especial, neste decurso da civilização europeia, o papel da grande cidade que, juntamente com o dinheiro, favorece um modo de vida mais heterogéneo, multiplica e mistura as diferenças, fomenta a tolerância, acelera o tempo histórico, cultiva a originalidade mesmo se expressa no exagero, alarga o espaço da acção, da iniciativa e da concorrência, faz surgir o comportamento *blasé*. Paradoxalmente este, que vive em plena ebulição das diferenças e da novidade, arrastado pela crescente mobilidade social e pela multiplicação dos vínculos ocasionais ou meramente formais, submerge-

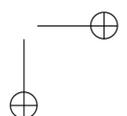
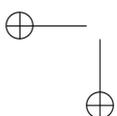
<sup>6</sup> No electro-sítio [http://socio.ch/sim/verschiedenes/1915/geld\\_nahrung.htm](http://socio.ch/sim/verschiedenes/1915/geld_nahrung.htm), encontra-se disponível o texto original em alemão.

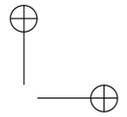


se cada vez mais na indiferença do oceano da cultura, assolado pela racionalidade objectivante e instrumental, sobretudo do dinheiro.

3. A análise simmeliana desenvolve-se igualmente ao longo de um *eixo sociológico*. O realce incide, então, sobretudo nas alterações originadas pelo fenómeno monetário na estrutura da sociedade, na fecundidade e na força emancipadoras que ele teve na reorganização das classes, no enfraquecimento ou na eliminação das hierarquias atávicas, no aparecimento de novos grupos sociais, na divisão do trabalho e na sua consequente especialização mais acentuada, na transformação do regime de propriedade, no aumento da riqueza pela maior circulação monetária. Surge assim o dinheiro como elemento de união e de separação, de comunicação e acercamento, mormente através do comércio que, à medida que se torna global, confere à aproximação entre os indivíduos uma tonalidade tão-só instrumental, um carácter anónimo e sem vínculos que perdurem, ao mesmo tempo que tudo nivela e reduz a simples relação mercantil. Tal é a fonte da indiferença acima mencionada, e da racionalidade pragmática, gélida, distanciadora, típica da modernidade, cadinho de liberdade, por um lado, jaula de ferro, por outro.

4. Existe igualmente no diagnóstico de Simmel um *eixo psicológico*. Devido à sua objectivação, feito puro objecto, meio genérico de troca e fim em si mesmo, o dinheiro é agora sentido pelos sujeitos como um mundo autónomo, incolor, quase mecanismo natural com leis próprias e impositivas. Alarga-lhes a cadeia dos fins de toda a espécie, amplia-lhes o espaço público de intervenção pessoal, abre-lhes a possibilidade da aquisição de mais objectos, mas, inversamente, acorrenta-os também mais uns aos outros no contacto meramente funcional, na insensibilidade afectiva. Sujeita-os,

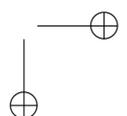
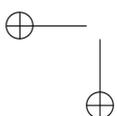




además, à tentação crescente de transmutar o meio-dinheiro em fim, sedu-los para as condutas da avareza e do esbanjamento ou, por reacção sadia, nas personalidades mais nobres, leva-os a descortinar o valor das coisas que se não trocam por dinheiro; e, por fim, expõe-nos, indefesos, às suas crises episódicas, aos colapsos súbitos do seu edifício, com resultados devastadores, com incalculáveis custos humanos, à maneira dos cataclismos naturais.

5. Ele não se esquece ainda de avaliar o dinheiro segundo um *eixo epistemológico*, ou seja, na configuração que o seu uso e o seu manuseamento originam e promovem na *forma mentis* da modernidade. Revelador é, nesta perspectiva, o paralelo que Simmel estabelece entre o desenvolvimento da ciência moderna com a matematização ou geometrização da natureza e a progressiva e concomitante avaliação calculadora de grande parte das relações humanas. Insinua tal evento a implantação do domínio do Mesmo, que acaba por rasurar toda a distinção qualitativa dos seres, incluindo o homem; significa analogamente a imposição autocrática da identidade lógica a expensas da complexidade estrutural da realidade e do poder do negativo, que intervém sobretudo na acção histórica dos homens e no seu pensamento; instala, por fim, uma ontologia do neutro, que privilegia o geral e aniquila o particular. Foi neste ponto que a reflexão simmeliana não deixou de encontrar eco em Theodor Adorno e noutros representantes da Escola de Francoforte.

6. E como poderia escapar ao nosso filósofo, agora num *eixo moral e espiritual*, a influência bem visível que o dinheiro exerce nas condutas? No mesmo escrito circunstancial já citado, *Dinheiro e alimentação* (1915), afirma ele:

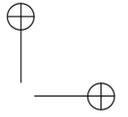
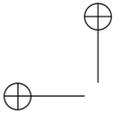


“Este processo avançou tanto que, para inúmeros homens da actualidade, a posse do dinheiro é o verdadeiro e derradeiro objectivo da aspiração, para lá do qual já se não interrogam. Esta é a consequência fatídica do facto de que, na economia moderna, as coisas se tornaram “mercadorias”, de que elas, sempre mais passíveis de compra, medem a altura do seu valor pelo seu preço de mercado.

As conexões estendem-se assim até ao mais íntimo da nossa cultura. A minguagem de “idealismo” no passado mais recente dos povos europeus significa justamente que os valores, que se não podem expressar em dinheiro, perderam também o seu curso. Onde tudo se avalia apenas de acordo com o seu preço comercial, surge a insegurança e o cepticismo relativamente a todos os valores, para os quais não existe um preço de mercado.”

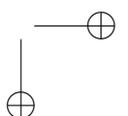
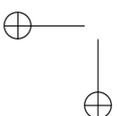
Característica desta problemática metamorfose moral e espiritual, afim, no fundo, à postura positivista e naturalista de uma forte corrente do pensamento moderno, é a atitude do *blasé*, já cima referida. Cativado pelo dinheiro enquanto denominador comum de todos os possíveis valores da vida, perplexo e confuso frente à disparidade essencial entre o *quid*, o valor entitativo e peculiar das coisas, e o *quantum*, o seu valor mercantil, ele acaba por perder o significado autógemo da individualidade destas últimas, a sua incomparabilidade ontológica, a sua dimensão qualitativa, a sua dignidade congénita. E ignora, porventura, a face positiva da impessoalidade do dinheiro: é que este também possibilita a extensão da beneficência, ajuda a atenuar em instituições caritativas ou de assistência social as diferenças confessionais que, tantas vezes, levantam entre os homens barreiras quase intransponíveis.

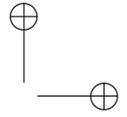
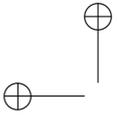
Verdade é que o dinheiro convida à avidez, à ambição do lucro usurário, ao prazer de gastar, à euforia ou à obsessão de possuir, ao consumismo, à ideia de que a felicidade está ligada à posse, a uma espécie de ventura quantificada e não qualitativa. Simmel traça assim, com brevidade mas de modo incisivo, o perfil do esbanjador e do avaro:



“A avareza e o esbanjamento aspiram, segunda a sua essência, ao ilimitado, porque ambos, em princípio, rejeitam a avaliação do valor, a única que pode garantir à série dos fins uma paragem e um limite, a saber, a que reside no gozo final dos objectos. Porque o verdadeiro perdulário – que se não deve confundir com o epicurista e com o simplesmente leviano, por mais que todos estes elementos se possam mesclar no fenómeno individual – é indiferente perante o objecto, logo que este fica na sua posse, o seu gozo está acorrentado à maldição de nunca encontrar descanso e duração; o instante do seu despontar contém ao mesmo tempo em si a sua extinção, a sua vida tem a mesma fórmula demoníaca que a do sovinha: cada momento alcançado aviva a sede da sua intensificação, a qual, porém, nunca pode ser mitigada; pois, o movimento pleno busca a satisfação, tal como ela flui do seu fim último, dentro de uma categoria que, de antemão, negou o fim e se restringiu ao meio e ao momento predefinitivo. O avarento é, dos dois, o mais abstracto; a sua consciência do fim detém-se perante o fim último a uma distância ainda maior; o perdulário, pelo menos, abeira-se mais das coisas e confia o movimento, orientado para a meta racional, a uma paragem ulterior para nela se estabelecer, como se ela própria fosse o fim último. Esta igualdade formal no total antagonismo do resultado visível e, por outro lado, a ausência de um fim substancial regulador que, pela análoga absurdidade das duas tendências, sugere entre elas um jogo caprichoso – explicam que a avareza e o esbanjamento se encontrem, muitas vezes, na mesma personalidade, quer distribuídos em diferentes recintos de interesses, quer associados às mutáveis disposições vitais; a sua contracção e a sua expansão expressam-se na avareza e no esbanjamento, tal como na mesma se expressa o movimento, só que, de cada vez, provido de outros indícios.” (*Sobre a avareza, o esbanjamento e a pobreza*)

Mas, por detrás destes comportamentos excessivos e desregrados, outra coisa se pode anunciar: a sensação do vazio insuportável

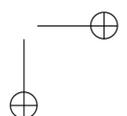
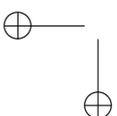


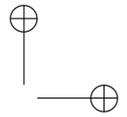


e da ausência de sentido da existência, a cegueira relativa ao genuíno valor das coisas, a prática da avaliação das pessoas só em termos venais ou em atenção à rendibilidade dos seus serviços.

Mas outra alternativa é possível, e apenas emergente no seio do sistema monetário já constituído: a descoberta moral de que o dinheiro, ou a riqueza, não passa de meio, de simples passagem para a aquisição de bens, cuja valia excede sempre o seu suposto e convencional valor de mercado; portanto, a apreensão da relevância ontológica das coisas e, de modo mais radical, a valorização da pobreza voluntária e abraçada como opção de vida, na linha da espiritualidade dos monges budistas e da ordem franciscana. Aqui conta, não a preocupação com o que o dinheiro faculta em termos materiais (poder, gozo, posse, etc.), mas a liberdade interior, a abertura ao sentido profundo e último das coisas, o apreço do valor dos seres em si mesmos. De nada se tem então a posse material, mas existe o deslumbramento perante o mundo e o que ele encerra. A pobreza torna-se, deste modo, uma vertente ou uma expressão de que o mundo pertence, na aceção mais elevada, no significado supremo, àquele que renuncia; nela possui-se o mais puro, o mais refinado extracto das coisas, tal como o avarento o possui no dinheiro.

7. E chegamos assim, por último, a outro matiz saliente da elucidação que Simmel faz do dinheiro: o seu enquadramento num *eixo metafísico*. Quer isto dizer que ele, de meio, se transmutou em fim, mas fim derradeiro, ponto de cruzamento de todos os fins que nele confluem e de todos os valores que nele se anulam, fonte de justificação dos comportamentos inspirados pela indiferença ontológica e moral, pelo desconhecimento discricionário dos singulares, e manancial de inteligibilidade de todas as entidades, apreçadas tão-só pela obsessão do *quantum*, pela mania quantificadora. Ou seja, adquiriu a energia, o carácter e a autoridade de uma enti-





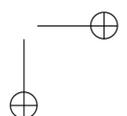
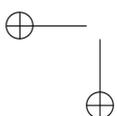
dade metafísica que, pela sua onipotência fictícia, obsidia uma civilização inteira, comanda todos os seus meandros, habita e cumula todos os seus divertículos e interstícios. E, de modo indeclinável, surge então, quase espontaneamente, a sua comparação com a ideia de Deus.

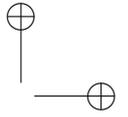
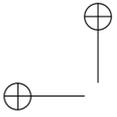
De facto, no final do artigo *Psicologia do dinheiro*, assere o nosso filósofo:

“Assim como a extrema variedade dos fenómenos faz sobressair a lei do modo mais claro, assim o dinheiro, na persistência do seu valor, se revela tanto mais puro quanto mais numerosas e díspares são as coisas entre as quais expressa a equação; tanto mais se liberta do que é material e das suas mudanças e se eleva como *akíneton kinoun* [motor imóvel] acima de tudo o que é singular e se torna comparável, do ponto de vista epistemológico, à lei, a qual existe tanto mais pura e firme quanto mais variados e mutáveis são os casos singulares que ela governa.”

E continua:

“... a semelhança psicológica [da noção de Deus] com a representação do dinheiro é clara. O *tertium comparationis* é o sentimento de paz e de segurança, que a posse do dinheiro justamente garante, em contraste com todas as outras formas de posse, e que, de um ponto de vista psicológico, corresponde àquilo que o homem devoto encontra no seu Deus; em ambos os casos, a elevação acima do singular por nós encontrada no objecto desejado, a confiança na onipotência do princípio supremo, é que nos oferecem em cada momento esta coisa singular e mais humilde e nos permitem, por assim dizer, transferir-nos para ela. Tal como Deus na forma da fé, também o dinheiro, na forma do concreto, é a máxima abstracção a que se alçou a razão prática”.





\* \* \*

Uma coisa é certa. Se o leitor tinha, até aqui, uma visão predominantemente empírica, ‘inocente’, porventura aproblemática, do mundo do dinheiro ou a convicção supostamente “realista” de conhecer, além do seu uso e da sua fruição, também os seus mecanismos e pressupostos, sairá decerto transformado – e não transtornado! – da leitura destes ensaios. Descobrirá a densidade humana, a complicação vital, a promessa ou o perigo, a radical ambiguidade dessa extraordinária criação cultural, que é o sistema monetário. Verá também, oxalá que sim, que o dinheiro é uma coisa demasiado séria para se confiar só aos economistas, gestores e financeiros. Descobrirá igualmente o papel insubstituível da reflexão filosófica que, no fenómeno aparentemente neutro e tão-só técnico do dinheiro, sabe descobrir dimensões latentes, não detectáveis por outras formas de saber ou de pesquisa, que obedecem a outros intuitos e não conseguem nem devem sair da imprescindível especialização, unilateralidade e parcialidade dos seus métodos. Eis porque continua a ser tão atraente e fecunda a lição radial e multinivelada de Georg Simmel acerca do dinheiro que, enquanto fenómeno humano, não pode subtrair-se ao olhar perscrutador do filósofo.

